

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A FAMÍLIA E A VENDA: BERÇOS DA ETNICIDADE POMERANA

Cione Marta Raasch Manske

Secretaria de Estado da Educação

craaschmanske@gmail.com

Maria Cristina Dadalto

Universidade Federal do Espírito Santo

mcdadalto@gmail.com

Entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX, as mudanças sociopolíticas, religiosas e econômicas, além das guerras, promoveram inúmeras mudanças no cenário geopolítico mundial. Os desdobramentos desse processo no Brasil possibilitaram a vinda de inúmeros grupos étnicos estrangeiros para o Espírito Santo, dentre eles citamos os luxemburgueses, italianos, austríacos, espanhóis, holandeses, suíços, alemães, poloneses, pomeranos, asiáticos, sírios e libaneses, dentre outros.

A maioria dos imigrantes pomeranos estabelecidos no Espírito Santo foram encaminhados à colônia de Santa Leopoldina onde ocuparam áreas despovoadas em meio às montanhas e florestas. O povoamento como prioridade da imigração foi a principal característica da política migratória no estado. As dificuldades encontradas e as adversidades dos diversos grupos assentados que visavam manter contato com os membros do país de origem, e a incorporação das práticas socioculturais da sociedade local, permitiram a imigrantes e descendentes o acionamento de dispositivos com vistas a integração no território capixaba.

Nesse sentido, práticas das populações locais que envolviam desde a participação em mutirões na construção de casas, igrejas, estradas se incorporaram àquelas dos pomeranos. Esses, por outro lado, instauraram novos hábitos culturais e simbólicos às suas experiências locais, dentre elas o bilinguismo, alguns o trilinguismo, indícios de uma trajetória permeada pela negociação da identidade nacional e da etnicidade (LESSER, 2001).

Experienciada pelos imigrantes pomeranos e por seus descendentes, a negociação da identidade nacional e étnica refletiu na tradição religiosa, cultural e na permanência da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

língua pomerana bilíngue com o português. Nesse movimento, os municípios de Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Pancas, Laranja da Terra e Vila Pavão, com número marcante de descendentes falantes da língua pomerana, lançaram, em 2005 o PROEPO. Um programa de educação escolar bilíngue português-pomerano que se utiliza da língua, da cultura e da história da imigração e dos pomeranos e descendentes em meio às propostas curriculares nacionais.

O reconhecimento contemporâneo da etnicidade nas escolas desses municípios com grande número de descendentes de imigrantes pomeranos ali estabelecidos, remete a longevidade do uso da língua e da tradição pomerana como consequência da luta pela identidade étnica. Em Santa Maria de Jetibá, a língua pomerana é a única falada entre muitos idosos e crianças que não estão em idade escolar, evidenciando a importância da família. Mas também a venda é local onde a língua e a origem pomerana são reconhecidas e reinventadas. Tendo em vista tal processo, essa comunicação debate o papel da família e da venda para a reinvenção da identidade pomerana.

A família

Os pomeranos se originaram dos wendes, povo nômade de língua eslava que se fixou na região limítrofe entre o norte da Europa e o Mar Báltico por volta de 600 D. C. Ali fundaram vilas agrícolas organizadas em famílias e em grupos parentais comandadas pelo patriarca, possuíam crenças vinculadas à natureza por meio de superstições, oferendas e sacrifícios humanos (RÖLKE, 1996). Mutuamente entrelaçadas pelo parentesco, as famílias passaram a dar o tom das práticas de sociabilidade, economia e liderança.

As famílias enfrentaram ainda uma longa jornada de guerras motivadas pela posse da Pomerânia¹, por conseguinte, pela passagem do continente para o mar. A experiência com as disputas não assegurou aos pomeranos o controle territorial, ficando por fim sob domínio de povos germânicos. Sobre esse cenário, merece ser salientado a germanização ocorrida na região e a forma como o grupo traduziu esse processo.

Sob domínio brandemburguês, em 1529, os pomeranos assinaram um tratado no qual transfeririam o território da Pomerânia a Brandemburgo após a morte do último nobre

¹ Após a Segunda Guerra Mundial, a parte ocidental da região da Pomerânia foi anexada à Alemanha Oriental e a oriental passou a pertencer à Polônia, condição de ausência da Pomerânia como Estado (RÖLKE, 1996).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

wende/pomerano e em contrapartida preservariam a autonomia (RÖLKE, 1996). Nesse acordo, além da aliança política, a família e a etnicidade se constituíram pauta de negociação.

No que diz respeito ao destaque atribuído a família e a etnia wende/pomerana, é relevante sublinhar a tessitura que emerge da longevidade dessas vivências. Como complemento a ideia de família, vale mencionar as relações de parentesco nas palavras de Carsten:

[...] Temporalidade, ao meu ver, nos convida a ver como parentesco é um processo inerentemente graduado; pensar sobre tempo e parentesco é também pensar em termos de mais ou menos, permitindo maneiras de entender como o parentesco se acumula ou dissolve ao longo do tempo. Analiticamente, significa adotar seriamente o lugar da experiência, intuição, emoção e memória no parentesco, na maneira em como eles são investidos com qualidades e ressonâncias particulares. Significa também estar atento às maneiras pelas quais as particularidades de gênero, ordem de nascimento e idade se colocam em histórias maiores ou menores. [...] (2014, p. 115).

No amplo universo que envolve o parentesco, tal escrito aponta que as experiências, as memórias e as formas particulares com que se posicionam os componentes do grupo parental convergem na manutenção ou não dessa relação ao longo do tempo. Desse modo, a longevidade dos vínculos de parentesco também é tecida pela memória e pelas experiências, atribuindo significado ao grupo e à família (WOODWARD, 2000).

Também o posicionamento do grupo em prol da etnia na negociação com os brandemburgueses reforçam os lastros da identidade étnica. Ao longo dos anos, os pomeranos deixaram indícios de que procuravam evitar conflitos, motivo pelo qual as famílias pomeranas abriram caminhos possíveis para a manutenção da etnicidade com os prussianos.

Dominados pela Prússia, a germanização se consolidou na Pomerânia. A língua alemã passou a ser aprendida na escola e utilizada nas igrejas, repartições públicas e no comércio. Mas a língua wende/pomerana germanizada, continuou sendo falada nos âmbitos informais e familiares, repercutindo no presente dos descendentes desse grupo no Espírito Santo (TRESSMANN, 2005).

No processo de germanização prussiano o luteranismo foi instituído como Igreja oficial e grande parte dos pomeranos se tornaram luteranos. Todavia, a marca indelével da crença wende/pomerana continuou a permear a cotidianidade na Pomerânia. Assim como a língua pomerana, as crenças associadas às superstições e magias permaneceram no seio das famílias na privacidade dos lares. As casas pomeranas, como locais de família,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

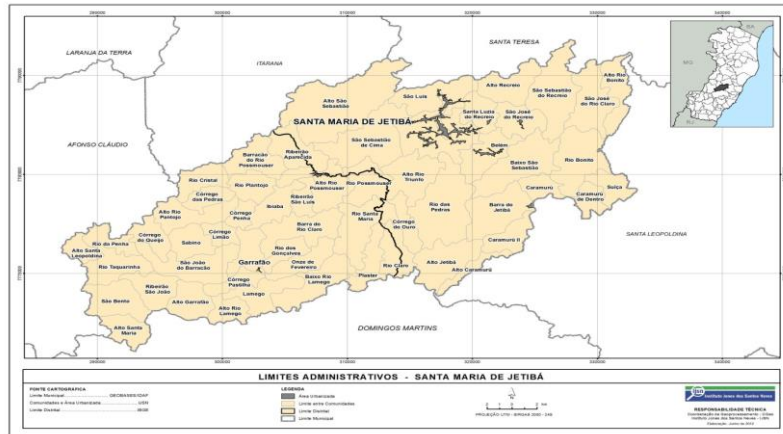
memória e experiência, também evocavam etnicidade, permanências que devem ser entendidas em justaposição aos deslocamentos históricos (CARSTEN, 2004).

Ainda sob o domínio da Prússia, inúmeros pomeranos deram início ao movimento migratório que os conduziu ao Espírito Santo. Encaminhados em maioria à colônia de Santa Leopoldina, e em virtude da pouca densidade populacional, se dispersaram em sítios isolados em meio à paisagem de florestas. Fator que permitiu a predominância de colônias familiares em parte do território localizado na região central do estado (WAGEMANN, 1949).

O distanciamento das casas e as trilhas nas matas dificultaram o contato das famílias pomeranas, que sem a presença do Estado, compuseram de forma singular a tradição germânica/pomerana após a imigração. Tal composição é refletida no relatório de 1912 produzido pelo pastor Fischer da Igreja Luterana, vindo da Alemanha para acompanhar os pomeranos que se dispersaram para a localidade de Baixo Guandu. No relato destaca a alfabetização por meio da língua alemã entre imigrantes e descendentes, modo geral. Contudo, enfatiza que na segunda geração já se verifica a mudança da língua alemã para a pomerana (GAEDE, 2012).

A presença da língua alemã após a imigração evidencia que a germanização do idioma era um processo consolidado entre os pomeranos. Entretanto, a futura opção das famílias pelo uso cotidiano da língua pomerana, com a cultura estabelecida de falar apenas a língua em casa, promoveu uma mudança que se revela na atualidade. Indicação clara da centralidade dessa prática no âmbito familiar como fato social para a identificação etnolinguística na tradição wende/pomerana. Dispositivo sociocultural que alcançou as inúmeras comunidades pomeranas fixadas na colônia de Santa Leopoldina, especialmente estendida à localidade que deu origem ao município de Santa Maria de Jetibá, como consta a seguir:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

Nesse território, os pomeranos mantiveram o luteranismo. Todavia, na intimidade das casas, como assim o era na Pomerânia durante a germanização, permaneceram as práticas supersticiosas e mágicas vinculadas as forças da natureza. Diferentemente da língua, o luteranismo e as tradições wende/pomerana foram integradas as crenças, constituindo-as despidas das tensões da dicotomia entre ser luterano e utilizar-se de práticas mágicas (TRESSMANN, 2005).

No que se refere a tensão entre a crença na magia e na religião, Gaede aponta algumas das adversidades surgidas da relação entre os pomeranos e os primeiros pastores luteranos que acompanharam o grupo após a imigração.

[...] as famílias pomeranas tinham uma identidade diferente do que aquelas que vinham das diversas regiões da Alemanha. Por um lado, o jeito pomerano contribuiu em muito na edificação e na proliferação das comunidades luteranas por vastas regiões do Espírito Santo. Por outro lado, a história de opressão vivida por esse povo no passado, a cultura e a língua pomerana significaram imensos desafios e trouxeram dificuldades para a atuação dos pastores luteranos, que traziam consigo a língua e a cultura alemãs. [...] (GAEDE, 2012, p. 89).

Os pastores, além de conduzirem a religiosidade, auxiliavam os pomeranos em assuntos que iam desde as doenças que os acometiam às desavenças entre as famílias. No cotidiano, no entanto, o que imperava era a solidão dos isolamentos das famílias, superadas apenas nas ocasiões em que a comunidade se reunia nos mutirões, prática observada ainda na Pomerânia (WAGEMANN, 1949).

Os mutirões traziam um tom de melancolia por oportunizarem a lembrança das histórias na Pomerânia e aproximarem as famílias da tradição originária. Os ajuntamentos ocorriam quase sempre na construção de casa, igrejas e para ajudarem nos casos de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

doenças e nas colheitas do café, atividade praticada entre os capixabas que se tornou a principal economia do grupo.

Em virtude da atividade cafeicultora surgiram pequenos comércios, as chamadas vendas pomeranas, cujos proprietários abasteciam os moradores daquele território de mercadorias e se responsabilizavam pela comercialização da produção com a cidade de Santa Leopoldina, até porque a maioria não falava português. Além dos vendeiros exercerem o importante papel de intermediários para os pequenos produtores pomeranos, as vendas se tornaram lugares de memória, em consequência, de manutenção da cultura wende/pomerana.

As vendas

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, enquanto a imigração impulsionava a ocupação de áreas antes quase inabitadas, a cafeicultura se consolidava como a principal economia dos capixabas e estrangeiros recém-chegados. Na composição desse quadro, surgem inúmeras vendas cujos donos assumem a intermediação da compra, venda e transporte do café entre os agricultores espalhados interior adentro e os grandes comerciantes de Vitória, capital do estado.

Na localidade de Santa Maria de Jetibá, as vendas se destacavam nas paisagens entre as matas, os sítios e as poucas igrejas luteranas. Isso ocorria em virtude de muitos comércios ocuparam-se de locais que intensificavam a comercialização. A exemplo, os entrecruzamentos, áreas com intensa mobilidade de pessoas, e as adjacências das igrejas luteranas, cujas atividades tinham grande participação de imigrantes e descendentes (CELIN, 1984).

No que concerne aos vendeiros e suas famílias, eles eram pomeranos e descendentes que também lidavam com a produção do café, conjuntura que os aproximavam do grupo pomerano por compartilharem as incertezas e emoções da imigração, a solidão do assentamento e as descobertas de novas técnicas agrícolas. O manejo com a cafeicultura se tornou uma aprendizagem necessária em virtude das práticas agrícolas conhecidas pela maioria dos pomeranos serem ineficazes num território de clima tão adverso da Pomerânia (SALETTTO, 1996).

Os vendeiros possuírem a mesma origem étnica possibilitou ainda as vendas tornarem-se locais onde eram partilhadas as lembranças das histórias vivenciadas nas várias regiões

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da Pomerânia. Num movimento intergeracional, essas histórias chegavam aos descendentes quase sempre acompanhadas de sentimentos embrenhados de nostalgia. Compilados no presente, esses acervos memoriais, individuais e familiares, evidenciavam o sentimento de pertencimento e identificação com a etnia pomerana. Isso advém de a memória coletiva tender a se apropriar dos fatos que assumem simbolismo para o grupo (BOSI, 2003).

Por outro lado, o trabalho com a cafeicultura e o comércio oportunizaram aos vendeiros a aquisição de tropas para o transporte da produção devido a pouca incidência de estradas no estado, além da compra do café dos demais pomeranos e descendentes, o que os diferenciavam dos demais componentes do grupo. Ao mesmo tempo, a ausência de tropas entre os agricultores impulsionava a negociação do café com o vendeiro mais próximo, o que tornava a relação duradoura.

A comercialização do café entre os pomeranos e descendentes ocorria por meio da troca. O agricultor negociava com o vendeiro a quantidade de café que obteria na colheita, que de modo geral acontecia uma vez por ano e sem a garantia de produção, pelas mercadorias da venda retiradas ao longo do ano. Assim como entre os imigrantes, a permuta como forma de comercialização do café era uma prática muito utilizada entre os capixabas em virtude da reduzida circulação de moedas no período em questão (CELIN, 1984).

A longevidade dessa forma de negociar propiciou fidelidade e dependência entre agricultores e vendeiros. O que também repercutiu na política com a indicação do voto pelo comerciante. Por conta dessa relação, as vendas tornaram-se locais de confidências e os vendeiros se destacavam como conselheiros dos pomeranos e descendentes (WAGEMANN, 1949). A partir de Mayol (1996), entendemos que as confidências no estabelecimento comercial acontecem nas narrativas desses sujeitos, de forma indireta e nos discursos figurados, por meio da ironia e da percepção de gestos e palavras.

Entretanto, por mais que os vendeiros partilhassem dessa cotidianidade com os demais pomeranos e descendentes, a venda da cafeicultura os colocavam em um outro contexto. Com as tropas carregadas de café, seguiam pelas silhuetas das montanhas e as trilhas das matas até a cidade sede de Santa Leopoldina onde negociavam o produto e compravam as mais diversas mercadorias para abastecer as vendas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A negociação com esses comerciantes, intermediários da compra do café produzido no interior da localidade com os compradores de Vitória, era em grande parte em português, motivo pelo qual os vendedores imigrantes ou descendentes, antes falantes apenas do pomerano, aprenderam a língua portuguesa. Todavia, ao retornarem, continuavam falando em pomerano com a família e com os frequentadores de suas vendas.

A opção dos vendedores em manterem o uso da língua pomerana nas vendas, um dos locais onde os pomeranos e descendentes poderiam falar a língua pomerana além da família, uma vez que os primeiros pastores utilizavam a língua alemã nas atividades da Igreja Luterana, oportunizava o reconhecimento e a identificação do grupo com a etnia imigrante (MANSKE, 2021).

Ademais, o fato de as vendas possuírem bares, que de forma geral eram frequentadas pelos homens, ampliava o tempo de permanência e de socialização do grupo. É bem verdade que as mulheres também atuavam na compra e venda de produtos nas vendas, o que as colocavam em contato direto com os demais frequentadores e com as histórias, as memórias e a sociabilidade dos pomeranos e descendentes.

Além das línguas pomerana e portuguesa, os vendedores mantiveram e aprenderam a língua alemã com os pastores da Igreja Luterana que haviam organizado junto à comunidade local escolas comunitárias². Nas escolas comunitárias, de forma geral, eram os pastores que ensinavam a língua alemã, mas poucos pomeranos e descendentes aprenderam. Com a nacionalização das escolas na Era Vargas, à medida que as escolas comunitárias iam sendo fechadas, as instituições escolares se tornavam estatais, ao mesmo tempo o uso da língua alemã dava lugar ao português. Motivo pelo qual a grande maioria dos pais não enviaram os filhos as escolas, ampliando o analfabetismo e contribuindo com a manutenção da língua pomerana na localidade.

Em se tratando dos pastores luteranos e vendedores, como principais e por muitos anos únicas referências entre os pomeranos e descendentes, não era incomum o acirramento das relações, o que também abalava a tranquilidade da comunidade (WAGEMANN, 1949). Isso porque, eram a esses dois componentes do grupo que os demais reportavam-

² Devido à ausência de instituições estatais entre os pomeranos e descendentes, as primeiras escolas da localidade de Santa Maria de Jetibá foram as escolas comunitárias, que surgiram do incentivo e comando dos pastores e do apoio e financiamento dos pais das comunidades luteranas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se em casos de doenças, aconselhamentos, conflitos familiares e entre vizinhos e demais situações que necessitassem de ajuda ou de um mediador.

Na função de mediadores, por falarem as três línguas, os vendeiros se deslocavam de lugares e transitavam pelas identidades (CAVALLARI, 2004). Nesse movimento, traduziam as línguas pomerana, alemã e portuguesa e intermediavam a relação dos pomeranos e descendentes com os pastores da Igreja Luterana e com falantes do português. O que atrelava a comunicação do grupo aos vendeiros, criando uma relação tecida pela confiança e dependência, condição que acompanhou a trajetória dos pomeranos e descendentes da localidade de Santa Maria de Jetibá até meados do século XX, e alcança reflexos no cotidiano do grupo ainda em 2021.

Conclusão

Os primeiros cem anos que sucederam ao início da imigração pomerana para o Espírito Santo foram expressamente marcados pela forma como juntos, mas com papéis distintos, a família e a venda contribuíram para a construção da cotidianidade desses imigrantes. No que se refere à família, o aporte vem desde a Pomerânia: na ocupação do território, no longo caminho de guerras que abarcou a região, na manutenção de traços culturais wende/pomerano durante o processo de germanização.

Ao imigrarem, muitos pomeranos ocuparam a localidade onde geopoliticamente está delimitado o município de Santa Maria de Jetibá, antiga colônia de Santa Leopoldina. Ali, pomeranos e descendentes se apegaram às famílias no isolamento dos sítios onde optaram por manter a língua pomerana e se apegaram à etnia imigrante como forma de se manterem no novo território, pois as possibilidades de retorno eram diminutas (DROOGERS, 2008).

Inegavelmente a ausência da interferência e da presença do Estado nas primeiras décadas contribuíram que os vendeiros e os pastores luteranos se tornassem referências para os pomeranos e descendentes. Os vendeiros objetivavam garantir o sustento, a manutenção de valores simbólicos, hábitos e atividades produtivas para os pomeranos e seus descendentes, visando, ao mesmo tempo, assegurar seus poderes - econômico e político (MANSKE, 2021). Desse modo, venda e família fizeram parte da construção da história e da etnicidade de pomeranos e descendentes e da composição populacional, bem como da diversidade étnica e cultural do estado do Espírito Santo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências bibliográficas

- BOSI, E. *O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CASTEN, J. A matéria do parentesco. *R@u, Revista de Antropologia da UFSCar*, 6 (2), jul./dez. 2014, pp. 103-118.
- _____. *After Kinship*. Cambridge University Press, 2004.
- CAVALLARI, J. S. O lugar da língua materna na constituição identitária do sujeito bilíngue. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, (43): Jan/Jun 2004, pp. 171-183.
- CELIN, J. L. *Migração europeia, expansão cafeeira e o nascimento da pequena propriedade no Espírito Santo*. 1984. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Estudos e Pesquisa Econômica, Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1984.
- DROOGERS A. Religião, identidade e segurança entre os imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28 (1): 2008, pp. 13-41.
- GAEDE, W. *Presença luterana no Espírito Santo: os primórdios da presença luterana no estado do Espírito Santo e a história da Paróquia de Santa Maria de Jetibá*. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- MANSKE, C. M. R. *A venda pomerana no Espírito Santo: lugar sociopolítico, econômico e identitário (1857-2021)*. 2021, 232 f. Tese (Doutorado em História), Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
- MAYOL, P. Morar. In. CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano 2 morar e cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endndlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- RÖLKE, H. *Descobrimo raízes. Aspectos geográficos, históricos e socioculturais da Pomerânia*. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.
- SALETTI, N. *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1889-1930)*. Vitória: EDUFES, 1996
- TRESSMANN, I. *Da sala de estar à sala de baile. Estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2005.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

WAGEMANN, E. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro, Serv. Graf. IBGE, 1949.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.